

Deponente: Laurita Felix.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 23 de março de 2017.

JULIANA: A senhora nasceu aqui mesmo em caverna indígena?

LAURITA FELIX: Nasci mais pra cima, lá num corgo do cacau, na baxa do cacau. A gente... eu nasci aqui mesmo, aí quando eu tava com 8 ano, aí eles pegaro e levaro o meu pai pra Maxakali.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Maxakali, eles juntaro o sítio tudo, botaro o caminhão e foro pra lá pros Maxakalis. Mandou nós fica lá morando. Quando nós chegamo nos Maxakalis, assim, a gente não sabia nem conversar português.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Aí o... aí nós fiquemo lá muito, uns de três mês... mas nós passou fome.

JULIANA: É mesmo?

LAURITA FELIX: E o chefe... Eu acho que o Capitão Pinheiro queria entregar isso tudo pros branco, né?! Onde é que nós morava lá em cima, entregaro tudo. Era aquilo tudo morava era branco, aquilo tudo morava fazendeirão.

JULIANA: A senhora não morava aqui nesse lugar não?

LAURITA FELIX: Não, morava lá em cima.

JULIANA: Uhum.

LAURITA FELIX: Pra cima lá, lá no porto da barca. Lá que eu morava. Aí quando nós fiquemo lá foi aquele Maxakali, aí meu pai num quis fica lá não, que nós era pequena lá passando fome, aí eles tinha que trabalhar por dia pra ganhar dinheirinho pra... Ou senão nós trabaiava a troco de mandioca, banana pra gente comer. Aí meu pai... Aí morreu a irmãzinha minha com dois ano, aí a minha mãe falou assim: "Ah se você quiser você fica aí que eu vou embora a pé, aqui eu num fico de jeito nenhum, os meus fio tá morrendo, é febre, é fome". Aí nós veio embora a pé. Veio eu, meu pai, minha mãe e o avô do Douglas que era Jacô viero também. Aí nós veio embora e tinha uma menina assim, e eu pequena e o meu irmão, a mãe tava esperando outro neném, que é pouco. Aí nós veio andando... andando a pé pra assentar... Como é que chama? (trecho incompreensível) a pé. O meu pé tava até dando sangue. Aí nós foi embora, veio embora, fiquemo trabaiando lá

nesse lugar até arrumar dinheiro pra tornar andar a pé. Porque não tinha carro, ia andar só no trieiro assim, e lá acolá o carrochaca. Aí nós veio parar a pé tanto e cortando aqui na estrada, eles tavam ponhando asfalto ainda. Quando nós chegemo ali a pé subiu muito tempo assim no meio da estrada pra chegar ali no asfalto que eles tava fazendo, aí meu pai pediu carona para nós vim pra Valadares, aí o home deu carona, nós num tinha um tostão pra comer nada pela meio da estrada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desculpa a pergunta que até hoje eu não fiz, como era o nome do seu pai?

LAURITA FELIX: O nome do meu pai é Antônio Felix.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Antônio Felix.

LAURITA FELIX: Antônio Felix. A mãe de Tião... Pra nós ver a minha mãe chamava Tiana. Aí nós viemo a pé de novo. Aí o home deu carona pra nós e veio parar em Valadares. Aí eu fiquei com febre, fiquei vomitando. Aí que chegemo... Aí meu pai e nós tivemo que ficar na estação lá na terra do home, lá nós dorme lá. Aí nós fiquemo lá na estação, o homem deixou nós lá e nós fiquemo. Aquele sacrifício, aí o meu pai pediu o home pra nós ficar lá na estação, o home deixou. Deu pra forrar o papelão pra deitar as crianças que o chão tá frio. Aí nós fiquemo lá à noite, aí eu fiquei passando bem mal, aí o home da estação falou pra um guarda que eu tava passando mal, e aí o guarda levou nós pra... Levou eu pra tirar pulso e pra tomar remédio. Deu remédio pra mim, mais nada que eu miorava aquela febre, febre. Aí o meu pai pegou e fiquemo lá na estação e no outro dia nós pegou o trem, daí pediu o prefeito, o prefeito deu dinheiro pra nós ir pra Belo Horizonte. De lá ele deu um papel pra o meu pai prega no prefeito em Belo Horizonte, pra seguir lá pro Rio. Nessa época o povo trabaivava com índio lá no... nós foi pra lá. Aí quando chegemo no Rio também, ele pegou nós e mandou pra São Paulo, num queria que nós viesse pra cá não. Nós fiquemo pra lá e pra cá, aquela turma de gente, um mucado de nós, um mucado dos índio foi pro Luiz Bananal, que é o Luiz Algodão, que é o pai de Sandra, aí entrou o Pedro, mais a mãe dele, o outro irmão dele, morrero tudo pra lá. E nós fiquemo arrodando, fomos pra São Paulo, fiquemo lá em São Paulo um ano, aí meu pai não quis ficar lá, vortemo de novo, passemo no Rio, aí o home pegou e falou que aqui tinha uns home que matava índio, então agora nós vamo ser matado lá mesmo. Nós voltemo de novo. Ô sacrifício! Aí o chefe pegou não queria nós, pegou nós e mandou pra São Paulo de novo. Nosso Deus, mas eu não consigo contar nessa época quantos foi não. Tanto que nós sofreu, agora graças a Deus de tanto eu ir lá pedi, de tanto o povo de Brasília, ponhou mão deu jeito nessa terra, que essa terra era nossa, eles tinha que dá pros outro, ou vendia, ou... Coisa do governo, nós tanto pelejava,

saímos de São Paulo, a gente veio pra Brasília, de Brasília nós veio pra Guarani, aí mandou nós pra Guarani. Ainda morou lá uns três no Guarani. Ali no Guarani tinha serviço, aí um trem muito esquisito, tem de ficar passando dificuldade em Guarani também. Aí nós ficamos, aí nessa época nós veio pra cá e aí eu já tava casada. Aí eu fui e vim mais o meu marido, nós veio a pé também até no... Diz aquele lugar que fica ali perto, pra cá do Guarani.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ueretxu

LAURITA FELIX: Não. Aqui no meio que vem pra cá, que vai pra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Gonzaga?

LAURITA FELIX: Acho que é, eu não sei, fica no meio do caminho, ali pra o estado de Guarani, fica ali, tem um ponto de posto de gasolina ali, quem vem pra Guanhões, que vai pra Itabira, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, tá, tá.

LAURITA FELIX: Aí nós ficamos no entre meio ali. Veio a pé até ali, ali que nós pegou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Um trevo ali.

LAURITA FELIX: Aham, daí pegou o ônibus que vinha pra Itabira, veio de carona, (trecho incompreensível) Itabira, de Itabira nós veio pra cá pra... Pegou o trem pra cá, nós chegamos ali o rio doce também tinha tirado um bocado das coisa de nós. Ah, a minha mãe ficou tão alegre.

JULIANA: A Dona Sebastiana?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: A Dona Sebastiana é a mãe da senhora.

LAURITA FELIX: É, tão alegre, chegou na aldeia aí ela (trecho incompreensível) agora nós vai rezar muito pra nós não sair daqui. Aí foi a época que eu ficava toda vez lá em Brasília. Eu, esse nego, veio uma turma de lá de Guarani, veio o Nego com a família, Manelão com a família, nós amontou tudo ali no pé da barca, no percurso que a gente morava. A minha mãe ia lá e nós vamos ter que rezar muito, mas nós não sai daqui mais não. Aí nós viemos pra ali ficamos muito tempo ali e depois nós foi pra Brasília. A sorte nossa que aqueles povo que andava... É o CINE que ajudava a gente. O CINE que ajudou muita gente que dava a passagem e nós ia pra Brasília, aí que a gente ficava lá uma semana em Brasília. Aí o home lá que trabalhava na FUNAI lá, presidente, chamou nós, pra quê que nós não parava na aldeia ficava só em Brasília. Então, assina um papel qualquer aí que nós leva e não quer nem sair mais. Mas foi um custo pra eles assinar o papel. Aí depois viu que nós não saia de lá mesmo, porque sempre nós tava lá, todo mês nós tava lá, caçando os papel daqui. Aí

eles pegou e resolvero dá essa terra de volta, aí tirou o sossêgo dele tudinho, mas custou. Aí nós ficemo aqui, graças a Deus tamo aí até agora. Mas nós sofreu. Nós foi pra Guarani, só pra nós ficar ali, pra São Paulo, aquela renca de índio. Morreu tudo um bocado também, que um bocado tá em São Paulo ainda.

JULIANA: Tem parente da senhora lá em São Paulo?

LAURITA FELIX: Tem. Tem lá a mãe da Santa, o tio da Santa, tudo pra lá. A mãe da Santa deve tá tudo doente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso daí é lá no Tupã?

LAURITA FELIX: É, lá no Tupã. Ah, meu cumpadre, meu pai Jorge, é antigo, mas é tio meu, mora lá também. Mas, ele tá veio, ele fala de vir embora pra cá, mas os filho não deixa ele vim não, ele é Krenak mais veio. Tem ele, acho que veio Anim já tá pra morrer também que tá na cadeira de roda, é o mais veio também, aí dali vem eu, vem Maria Sônia, a Eva, a Júlia e a Deije. Os mais veio mesmo é o cumpadre Jorge, depois deles é Maria Sônia e eu. Os mais veios. Então, essa época tudo era novo. De uns (trecho incompreensível) morreu, os índio mesmo morreu tudo. Tem mais é notícia, (trecho incompreensível) o dono da terra aqui. Aqui morava fazendeiro não deixava ninguém ir, e passando nem ali ô. Aí já andava lá atravessando lá em cima, dali pegar o trem pra ir na rua, num tinha carro, sempre agora todo mundo tem carro. Graças a Deus, né?! Agora todo mundo tá forte, pra lá e pra cá. Mas, fazendeiro não deixava passar não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi quando eu cheguei em 1994 pra trabalhar com eles e eu fiquei desde 1997 quando foi feita a organização e a retirada de todos os fazendeiros daqui. Uma luta boa, não foi Dona Laurita? Acompanhei tudo, tudo pessoalmente. Graças a Deus sem problema nenhum pra ninguém. Foi muito gratificante.

JULIANA: Dona Laurita, como é que foi que os policiais chegaram aqui?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: A senhora lembra da época que os policiais chegaram aqui?

LAURITA FELIX: Polícia?

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Lembro.

JULIANA: Como é que foi, a senhora lembra?

LAURITA FELIX: Lembro. Eles chegaro como chefe de posto, né.

JULIANA: Uhum.

LAURITA FELIX: Trabiava pra FUNAI, aí chegaro, ficaro lá aí na... Arrumou que não tinha chefe nenhum aí, quando nós entramo num tinha chefe nenhum. A gente trabiava com a

FUNAI e morava tudo no rio. Aí chegaro, fizeram, colocou um chefe antigo chamado Seu Juquinha.

JULIANA: Juquinha?

LAURITA FELIX: É. Aí deixou lá. Aí comprando cimento, comprando... Aí colocando coisa lá pra fazer casa, fez um (trecho incompreensível), fez um barracão grande, cortamo lá e botamo coisa pra colocar os índio preso que vinha de fora. Aí eu... nós pergunto: “Uai, Seu Juquinha pra que que eles tão fazeno isso?” Aí ele falou: “Não sei, eles que sabe aí”. Aí eles foi e fez uma sede, uma cozinha grande lá pra cozinhar.

JULIANA: Aham.

LAURITA FELIX: Depois foro descarregano mesa, as cadeira, foi colocando. Aí o Pinheiro, o Capitão Pinheiro falou que ele era o chefe, né, mandava. Aí eles num podia sair sem orde, que mandava o povo lá do Rio de Janeiro. Aí foi entrando, fazendo casa, aí foi chegando os índio prendido, né?! Aí veio seis polícia ficar lá, de um lugar pro outro, numa casona que era antiga, a polícia ficou ali catucando, tudo, aí ficava lá oiando os índio ficava com eles. De repente eles fizeram a casa. Casa, cozinha e nós tinha uma casa de plantio, a oficina. Aí ele... Os cozinheiro morava na casa, que era a Maria Sônia, a Julia, daqui, aí trabalhava pra eles lá, cozinhando pros índio uma panelona cheia de comida. E nós trabalhava pra ele.

JULIANA: E como é que eles, assim, escolhiam os índios para trabalhar aqui, como é que era?

LAURITA FELIX: Ah, chamava as pessoas que queria trabalhar, né?

JULIANA: A pessoa queria?

LAURITA FELIX: Uhum. Eles pagava eles. Pagava a gente. Eu não sei que eu num... Morava perto e via tudo (trecho incompreensível), eles ia pegava aqueles índio e batia. (Risos). Nossa, uma vez que um índio pegou eles também. A Lu que tava lá perto da lagoa, o índio brigando com os outros índio, mas aí eles começou a atirar e o índio parou, eu acho que eles mataro um índio no rio... de noite!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Bença vó?

LAURITA FELIX: Deus abençoe. Gritava, chorava depois parou, eles bateu de noite.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora lembra o nome dele?

LAURITA FELIX: Hã?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora lembra o nome desse índio?

LAURITA FELIX: Não, que ele era de fora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era Krenak não, né?

LAURITA FELIX: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a senhora lembra de outros índios que vieram para cá também?

LAURITA FELIX: Alembro. Mas, não sabia como é que chamava que eu não ia não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá.

LAURITA FELIX: Eles não deixava. Eles não deixava a gente entrar não no presídio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Um índio que nós chegamos a conhecer que ele levou muitos a morrer aqui foi o Bibiano que era o índio chefe.

LAURITA FELIX: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era?

LAURITA FELIX: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é?

LAURITA FELIX: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era o único que nós...

LAURITA FELIX: É foi preso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que nos lembramos ainda.

LAURITA FELIX: Depois começou com a Santa Maria, a Sônia pra ele ir embora. Aí ele saiu casou com ela e ficou, sumiram. É foi embora tudo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E como é que a polícia tratava os Krenak?

LAURITA FELIX: Uai, só que não batia, né, mas não tratava bem não. Eles pra lá e ele pra cá. O meu tio mesmo que é o avô do Douglas, ele ficou preso mais a minha mãe...

JULIANA: O seu Jacó, né?

LAURITA FELIX: É. Ele mais mamãe pra fazer, só vender preste no trem, aí ele foi e pegou bebeu um gole de cachaça e ele foi sem pedir eles, né, tinha o calor dele foram sem pedir. Nossa, mas o home ficou brabo, (trecho incompreensível) tinha que pedir. Aí o meu tio falou que ele não era acostumado pela timidez não. Ele acostumava pegar a lancha dele e sair. Aí ele pegou e ficou bravo e botou eles preso, foi um mês preso só por causa de uma dicha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Um mês?

LAURITA FELIX: Aí ele falou: “Não, agora vocês vão ficar sem sair um mês”. Aí ele “então vamo trabaiar lá perto lá”, que lá tinha roça, tinha horta, tudo era os índio que fazia. Ficava com enxada, fação, enxadão, tudo indo trabaiar, tinha horta, tinha mandioca, batata, tudo debaixo do porrete.

JULIANA: Não era para eles mesmos não?

LAURITA FELIX: Não. Tudo se ele come vendo lá da prisão. Raspava mandioca, (trecho incompreensível), encontrava carne lá no meio pra eles come. Já tava dentro num ia. Só

que andava lá, qualquer coisa batia neles. Todo dia de noite eles batia. Não tinha um dia. Esse Manelão também tava preso, o Manelão foi preso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Manelão é Pankararu?

LAURITA FELIX: É, Pankararu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí nessa época que a mãe da senhora ficou presa, ela dormia dentro da cadeia?

LAURITA FELIX: Aham.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah sim.

LAURITA FELIX: A minha mãe num ficou na cadeia lá não, um cubiquinho que eles fizeram lá, dentro da FUNAI, um cantinho desse tamanho assim. Aí colocou um porrete ali a FUNAI quando tava com raiva de índio também amarrava pertinho e botava lá no toco. Mas, não ficava mês não, ficava dois dia e saía.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim.

LAURITA FELIX: Aí pra castigar eles, né.

JULIANA: Esse castigo lá no cubículo, como que era?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Esse castigo lá no cubículo?

LAURITA FELIX: Lá tinha uma cama, lá tinha uma janela assim de colocar comida, colocar água, ali tinha banheiro. Aí o dia que eles quisessem lavar eles lavava, o dia que num queria ficava sujo lá. Quem ficava lá é que ficava com catinga de coco lá, xixi, tinha água pra tomar banho, botava um balde lá pra tomar banho no banheiro. Era assim. A minha mãe ficou nesse cubículo. O Jacó ficou lá noutro lugar. Mas, aqui minha mãe ficou no cubículo, um pauzão... Vocês lembram daquele (trecho incompreensível) que marca um pauzão? Um porretão assim que num guentava nem puxá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cassetete aquilo.

LAURITA FELIX: (Trecho incompreensível). Vou falar com a mãe, viu mãe, a senhora gostou de ficar no cubiquinho, a senhora sabe que tô aqui e eu num posso, porque tem que pedir o guarda, a senhora num pede, vai. Aí ela falava, ah eu fui, já voltei...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E agora eles estão bem?

LAURITA FELIX: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Graças a Deus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E quem que era o guarda que ficava na...

LAURITA FELIX: A polícia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas, a senhora lembra o nome do policial? Quem que era o policial?

LAURITA FELIX: Ah lembro algum, tem o João, tinha Efigênio. O Efigênio ele tá por aqui assim. Não sei se ele é por causa de uma prima, não sei se ele desprendeu. Tinha Ozéia, tinha é... Mota. O nome assim de Mota, que eu num sei o nome. Mota. Tinha Oredes. Que eles que era ruim pra gente, aquele lá que era, cinco era ruim, batia mesmo sem dó. O Oredes era bravo. Tão... E tinha Ozéia, e tinha outro também, esse eu esqueci o nome. Era seis guarda. Era os seis que ficaro, depois veio uma muié de lá, uma muié índia, baxinha. O marido dela também era baxin. Ela foi, essa era sabida, ela trouxe um velope assim, chegou, entregou a um guarda lá. O guarda ligou lá pro Capitão Pinheiro, veio tirou o filho dela e o marido dela e levou. Aí depois que cabo5u esse negócio de prisão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi logo depois disso?

LAURITA FELIX: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A senhora se lembra o nome dela?

LAURITA FELIX: Não, era índia. Mas, era índia, era baxinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas, era índia Krenak?

LAURITA FELIX: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pataxó?

LAURITA FELIX: Era de outra aldeia. Ela nem Guarani não era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É que essa história eu não conheço não.

JULIANA: Mas, a senhora sabe pra onde que o marido e o filho dela foram levados?

LAURITA FELIX: Mas, ela levou pra casa.

JULIANA: Pra casa mesmo? Foi tirado daqui e levar pra casa.

LAURITA FELIX: Esses aí tomava coro.

JULIANA: O Krenak também chegou a... além, né, do... Do que a senhora falou da mãe Sebastiana?

LAURITA FELIX: Ficou lá, ficou Jacó, minha mãe e o João.

JULIANA: João? João Grande?

LAURITA FELIX: Não, João... Parece que é João Bobo, mora em São Paulo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah sim.

LAURITA FELIX: É irmão do Nêgo.

JULIANA: Ah sim. Ah, João Bobo tem irmão?

LAURITA FELIX: É.

JULIANA: Ah, sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E nessa época tinha índio que era policial?

LAURITA FELIX: O João Bobo trabalhou uns tempo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É?

LAURITA FELIX: É, depois ele saiu e ficou com povo preso.

JULIANA: Mas, o seu João chegou a ficar preso?

LAURITA FELIX: Uhum.

JULIANA: Depois ele amarrava o guarda?

LAURITA FELIX: É ele ficou preso.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Eu não quero... Aí eu não lembro bem (trecho incompreensível).

JULIANA: Mas, a senhora sabe como é que a polícia escolhia os índios que iam virar guarda? Como que era isso deles virarem guardas, a senhora sabe dizer?

LAURITA FELIX: Eu não lembro não.

JULIANA: É.

LAURITA FELIX: O que veio guarda de lá da outra aldeia, veio dois o Joneboc que chama Auraourá.

JULIANA: Auraourá?

LAURITA FELIX: É.

JULIANA: Mas, ele é Krenak também?

LAURITA FELIX: Não.

JULIANA: Não?

LAURITA FELIX: É lá pra o lado de Brasília.

JULIANA: De Brasília.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esses que vieram de fora, vieram de qual aldeia?

LAURITA FELIX: Lá pro lado de Brasília que eles vieram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, eles vieram direto de Brasília pra cá?

LAURITA FELIX: De lá pra lá, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá.

LAURITA FELIX: Auraourá eu acho que é... Não sei se é Terena, não sei é jagunço. Eu acho que é Terena ou jagunço. Eles vieram de lá, veio ele, veio dois índio que eu não conheço...

JULIANA: E tinha muito guarda índio aqui, como que era?

LAURITA FELIX: Não.

JULIANA: Não? A senhora lembra mais ou menos quantos que tinha assim?

LAURITA FELIX: Que eu lembro três.

JULIANA: Três guardas?

LAURITA FELIX: É, mas nossa raça não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim.

JULIANA: E nenhum Krenak?

LAURITA FELIX: E como é que era... O que eles faziam com os outros índios?

LAURITA FELIX: Não fazia nada não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nada?

LAURITA FELIX: Nada.

JULIANA: Qual que era o trabalho deles aqui?

LAURITA FELIX: Dos polícia?

JULIANA: Dos polícias índio?

LAURITA FELIX: Não sei, ficava igual os outro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vigiando?

LAURITA FELIX: É vigiando, de noite, é de dia. Trabaiando lá, num mexia com os índio não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E quando acabou o presídio eles foram embora ou eles ficaram?

LAURITA FELIX: Foram embora. Foro cada um pra sua aldeia. Tinha Pankararu, o Manelão ficou e o pai dele, não quis voltar pra aldeia deles. O Manelão casou com Terena..

JULIANA: O seu Manelão é casado com quem?

LAURITA FELIX: Com a Eva.

JULIANA: Ah, é a Maria (trecho incompreensível).

LAURITA FELIX: É.

JULIANA: Entendi. E a dona Eva foi uma das primeiras a voltar pra (trecho incompreensível) junto com o cacique deles?

LAURITA FELIX: É. Na época nós veio de Passarandi aí ele já veio casado. Nós trancamo e ele foi e soltou. Aí Manelão casou com ela e foi pra Guarani também. Ele tá andando com a Kassu... Mas, ele tá sossegado.

JULIANA: Dona Laurita e os fazendeiros e a polícia, eles tinham alguma aproximação?

LAURITA FELIX: Eu não sei.

JULIANA: É?

LAURITA FELIX: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim.

LAURITA FELIX: Mas, ele se escondeu pra lá que aqui na aldeia não.

JULIANA: Não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na época da polícia os Krenak não podia sair daqui ou podia sair?

LAURITA FELIX: Não, tinha orde.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha ordem?

LAURITA FELIX: Aham, chegar a hora ter que marcar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá. E como é que foi que os Krenak tiveram que sair daqui para ir para a fazenda Guarani?

LAURITA FELIX: Como?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como que foi a saída Krenak daqui para a fazenda Guarani?

LAURITA FELIX: Ah, eles pegou caminhão. Não, pegou trem. Foi até Itabira e aí de lá tinha caminhão pra levar os índio e a mudança pra lá. Aí os índio foi pra São Paulo, lá não tinha lugar de trabaiar. Agora aqui num passava fome porque, não tem o dinheiro, fomo pra parente, tinha mandioca, comia com peixe.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: E agora que o peixe cabou também. Sempre tem um trem branco pra atrapaiar. Essas coisa de branco dos índio. Então, que eu peço tanto a Deus, mas os branco só quer acabar com o índio, porque na época que o branco chefe da FUNAI tiraro os índio de qualquer maneira, largava os índio sem remédio, na época da FUNAI, não gostava de índio, ficava... Num dava remédio, né.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Aí morreu meu pai, morreu parente da gente, minhas irmã, tudo morreu a míngua aqui, que não tinha remédio, ninguém oiava, aí pronto. Às vezes dava dor de barriga, tomar remédio. Às vezes dava o remédio, mas às vezes era contra, né, num sarava e morria. Eu num tenho nenhuma irmã e nenhum irmão. Meu irmão morreu lá pra lá de São Paulo, foi num lugar que chama Castanheira.

JULIANA: Uhum.

LAURITA FELIX: Num lugar que chama Mamangá. É lá que o meu irmão morreu.

JULIANA: Sim.

LAURITA FELIX: Nós veio de lá de São Paulo, fomo lá no Rio Branco. De novo para até no Rio Branco, aí de lá, nós fiquemo lá até arrumar serviço pra vim embora pra cá. Aí quando ele foi trabaiar não voltou com nenhum, também negócio de banana, dava (trecho

incompreensível) tombou, caiu e morreu. Aí morreu. Aí sempre que a corrente caía saía, morria um punhado aí foi acabando os Krenak. Agora, quase num fica aqui só, a água acaba, os índio bebia água, tomava banho nessa água, comia peixe, todas as vezes num ficava que aqui que era o lugar de beber, ficava num lugar num achava bom.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fora as ilhas que nós temos aí espalhada, né, várias ilhas.

LAURITA FELIX: As coisa mais difícil, os parente já morreu tudo. Aqui pra cá tudo tinha casa de índio aqui, pra lá tudinho casa de índio, aí já tem gramarado bem mais pra lá, na frente da casa do Zoinho, na berada do rio. Que quando dava cena de peixe, eles vinha pescar só aqui, só em frente do posto de lá, né, porque pra cá o chefe, os branco num deixava não, nós ia pescar só ali na barra do ermo ali que é as primeira que subia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na época eu me lembro, quando somente 17 famílias, 72 pessoas não tinha terra pra cultivar, plantar, a terra num dava, tinha uma cerca que fechava a passagem deles pra poder fazer qualquer outro negócio. Era brincadeira?

JULIANA: Não é não. Dona Laurita, quando os Krenak estiveram aqui pra ir pra fazenda Guarani quem que chegou aqui e disse vocês têm que ir forçado, como é que foi isso assim?

LAURITA FELIX: Isso é o chefe que chama porque o seu Maro que veio do rio.

JULIANA: Mas, ele era da FUNAI?

LAURITA FELIX: Não.

JULIANA: Ele era da onde?

LAURITA FELIX: Eu sabia que era do Rio o João falava

JULIANA: Não?

LAURITA FELIX: Agora, a fazenda Guarani foi pra o Rio.

JULIANA: E chegando lá na Guarani como é que foi a vida de vocês?

LAURITA FELIX: A vida lá é que cada um lá tinha uma casa, deixou os emprego sair, né, a casa vazia, colocou mais, agora o que nós perdemos muito foi gado, porque tinha muito gado, cinco milhão de gado.

JULIANA: O gado dos Krenak foi lá para o Rio, é isso?

LAURITA FELIX: Krenak? Tem, gado lá tem mais. Mantém o leite, a carne, mas foi 5 mil, um cheiro de vaca. Nós fomos morar no quilombo (trecho incompreensível) deixa um pouquinho. Esse povo trabalhava só pra só pra comprar as coisa da sede, muita gente chegava contando mentira, agora num tem nada a ver com eles não. Na época da finada Dupeia tinha tudo.

JULIANA: Tinha as coisas?

LAURITA FELIX: Tinha boi, cavalo, casa boa, só num tinha luz também, eu era uma criança, mas tinha. Aí acabou tudo.

JULIANA: Quando que a senhora tipo mudou?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Como é que mudou as coisas, quando é que mudou, a senhora sabe?

ENTREVISTADOR: Deixa eu perguntar uma coisa para a senhora, quando o Krenak chegaram na fazenda Guarani não tinha índio lá não?

LAURITA FELIX: Não.

ENTREVISTADOR: Foram os primeiros índios?

LAURITA FELIX: Foram. Que lá no Guarani diz o povo que era de fazendeiro, aí o home morreu e foi lá pra mão governo. E ele pegou, levou quem ia trabaiair com o governo e levou os índio pra lá. Aí nós ficemo lá, no comececinho ninguém procurava. Meu tio, avô do Toco morreu foi lá, tava (trecho incompreensível).

JULIANA: E morreu do que a sua mãe?

LAURITA FELIX: Não ele tava em São Paulo.

JULIANA: Ah a senhora...

LAURITA FELIX: Tava a leilão.

ENTREVISTADOR: A senhora não foi, não chegou a ir na fazenda não?

LAURITA FELIX: Eu fui, mas nunca morei lá não, fui embora pra São Paulo.

JULIANA: A senhora foi com quem lá pra São Paulo?

LAURITA FELIX: São Paulo fui mais a minha mãe.

JULIANA: A senhora e a mãe, Sebastiana?

LAURITA FELIX: Aham.

JULIANA: É mesmo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Para o Vanuire?

LAURITA FELIX: Ficemo lá, pra lá com os Karnak. Foi que lá tinha um sobrinho da minha mãe que morava.

JULIANA: Uhum.

LAURITA FELIX: Nós ficemo lá mais um pouco. Uai, quem quer passar fome? Eu tinha a menina pequena, tinha mãe, meu marido eles num queria porque tudo era branco, o meu marido o Capitão Pinheiro não deixou ele ficar lá não.

JULIANA: É mesmo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na fazenda?

LAURITA FELIX: Aham. Que ele era um branco, bem branco.

JULIANA: E onde que o marido da senhora ficou?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Onde que ele ficou? Hã?

LAURITA FELIX: Onde que ele ficou foi ali no Resplendor.

JULIANA: Então, a senhora foi pra lá? No Guarani o Capitão Pinheiro não deixou levar a senhora?

LAURITA FELIX: Não, deixou não. Aí ele ficou aí, né, aqui disponível na casa do irmão dele. Aí eu fui embora pra São Paulo, aí ele soube que eu tava lá e foi embora.

JULIANA: Aí ele foi pra São Paulo?

LAURITA FELIX: Foi.

JULIANA: Como é que chama o marido da senhora?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Como chama o marido da senhora?

LAURITA FELIX: Adão Boau. Já morreu também. Passou um sacrifício, no Guarani foi a época que passamo fome lá. E tinha o lugar de tratar, tudo é murro. Agora, que eles tomou o rumo. Tinha uns luga baxo que dá pra plantar. Mas, mulher sozinha? Eu tinha menino pequeno, vontade de ir embora, aí eu fui pra o Capitão Pinheiro (trecho incompreensível). Aí eu falei, “você me dá dinheiro que eu vou embora pra o quilombo, eu não vou ficar aqui não”. Aí ele “quá, mas porque você quer ir embora”? “Porque eu num quero ficar aqui”. Aí eu fui pra la.

JULIANA: Mas, o Capitão Pinheiro ficava lá na fazenda Guarani?

LAURITA FELIX: Não, ele ficava lá com a gente.

JULIANA: Ah, a senhora foi pra Guarani.

LAURITA FELIX: Eu fui de carona com ele. Aí ele me falou que ia me levar no caminhão. Lá no Belo Horizonte aí ele ficou comigo, mãe, eu, os menino, tudo pra lá. E chegou lá me deu passagem, aí falou assim “eu quero que você pra nós”. Aí eu falei “pra quê que eu vou voltar, eu não”. De lá de São Paulo eu vou pra Krenak, aqui eu num piso não, mas pra lá eu vou, eu falei com ele. Aí ele falou assim, “ah, mas você num vai não”. Eu quando tiver lá, eu não fui mesmo, fiquei lá em São Paulo, o meu marido foi pra lá, aí nós ficou trabaiando. Aí a mãe falou assim, “Laurita, num é bom nós ficar aqui não, eu tô enjoando daqui, vontade de ir embora pra minha terra”. Então vamo. Nós vendemos aquelas criação que nós tinha lá, vendemo roça, tinha um mandi tratado e nós foi, nós veio embora. Aí o meu marido ficou lá aqui em Belo Horizonte trabaiando na casa do irmão dele e aí nós veio embora.

JULIANA: E quando a senhora veio embora, quem que tava aqui nessa terra?

LAURITA FELIX: Ninguém. Não, é pra Patronato. Patronato que ficou aqui, depois foi embora pra lá. Quando eles foro embora pra lá nós chegou.

JULIANA: Mas, tinha fazendeiro ainda?

LAURITA FELIX: Tinha, muito fazendeiro aqui. Aí eles ficaro tudo com medo, aí a FUNAI veio e falou com nós “ô, vocês vão ficar aí, mas o fazendeiro vai matar vocês”. Deixa matar. Matando nós dentro da aldeia ta bom demais, nós fica. Nós ficou numa casa veia ali, de primeiro onde é que o Capitão Pinheiro botava o pessoal onde dormir e aí nós ficou, limpemo a casa e fiquemo lá. (Trecho incompreensível) lá é igual a um salão, aí o Capitão Pinheiro foi me ver e falou assim, “ô você fala só a verdade, né, Laurita, você é uma mulher muito é mão na roda e direita”. E aqui também tinha um fazendeiro, ele é vivo ainda, ele e a irmã tinha terreno aqui, num gostava de ele de jeito nenhum. Aí eu peguei carona com ele no veleiro, increnando com o celeiro. Aí ele foi e falou “né Laurita, vocês tão teimando com essa terra, mas vocês vão ver, vocês nunca que vai morar nessa terra, porque nós têm dinheiro, nós paga advogado, nós fica com o terreno.

JULIANA: Como que era o nome dele, Vagmar?

LAURITA FELIX: Vagman. Aí eu falei assim, “Ô Vagman você ter posse ter dinheiro, mas quem vai rir primeiro, mais tarde chora, eu num tenho dinheiro não, mas tem o poder de Deus. Deus vai me ajudar”. Ah, mas quando o fazendeiro, no CEP Brasília, via Brasília, aí quando nós ganhemo aquela terra aí eu fui na FAIA buscar meu marido que trabaiava lá na fazenda dele, fui lá pra avisar a ele, aí eu fui de carona com ele de novo, eu acho que você veio pra atende. O meu marido trabaiava com eles lá no terreno dele. Aí o sá minha irmã. Oi. Tá vendo o senhor tá triste? Você tá chorando e eu tô rindo. (Riso).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Riso).

LAURITA FELIX: É besta. Bateu só a Deja, que a Deja também pra o marido dela também trabaiava lá. A Deja foi lá, você é doida, aí ele é não, aquele dia ele tava me arrastando pra lá, que eu tinha dinheiro e eu num tinha.

JULIANA: Os fazendeiro chegaram a vir pra cá, o (trecho incompreensível) assim?

LAURITA FELIX: Aham.

JULIANA: É? O que aconteceu?

LAURITA FELIX: Nada só falava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ameaçava?

LAURITA FELIX: Não, nunca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nunca?

LAURITA FELIX: Só falava, tinha medo.

JULIANA: Tinha outros fazendeiros, assim nessa fazenda, nessa época?

LAURITA FELIX: Nessa aqui era Afrânio, (trecho incompreensível) desse terreno daqui até lá em cima, tinha uns que morava lá, agora quer encontrar casa e comida (trecho incompreensível). Esse aqui não tinha muito caso com ele não. Mas, com o seu (trecho incompreensível) tinha contato com quase tudo, conversava, né.

JULIANA: Eles tinham fazenda de que aqui Dona Laurita?

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Eles tinham fazenda de que aqui?

LAURITA FELIX: Uai, fazenda aí da casa grande, animal, produção de leite, faz queijo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De criação, né?

LAURITA FELIX: É tinha.

JULIANA: Tinha outras coisas que eles faziam aqui?

LAURITA FELIX: Não, só isso. Ah, mas quando eu falava dentro de casa, falava e você é louca, doida mesmo. Eu? Eu falava vou ficar, é o meu direito.

JULIANA: Quando aqui saiu o nome da senhora é Iaru.

LAURITA FELIX: Hã?

JULIANA: Como que tá o nome da senhora Iaru?

LAURITA FELIX: Tiatru.

JULIANA: Tiatruflique.

LAURITA FELIX: É.

JULIANA: Aham.

LAURITA FELIX: A minha mãe chama Chacute.

JULIANA: Chacute. E a senhora?

LAURITA FELIX: Mite.

JULIANA: Mite. E o que quer dizer?

LAURITA FELIX: Hã. É a pedra e pedrinha.

JULIANA: Pedra e pedrinha. Ah, a senhora é a pedrinha então?

LAURITA FELIX: Ah, mas isso é coisa que nunca tinha visto.

JULIANA: Aham. E como é que foi essa dança, ir pra Brasília atrás de direito?

LAURITA FELIX: Eu num dançava não, eu ia só com conversava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí a senhora chegava em Brasília e conversava com quem lá?

LAURITA FELIX: Com o presidente. Ele é que tinha a ver tempo com a gente, aí eu falava com ele. E eu fui andando que assim, lá minha terra. Porque vocês (trecho incompreensível)? Diante de vocês apedreia, num sai de lá. Aí eu vou ficar aqui, ele atendeu, ai eu mesmo conhecia o Augusto e o Jamim, quatro, mulher só eu, mas quem conversava mais era eu, eles falava pouco e eu não, fala que tá marcado. Toda vida eu me tremia (trecho incompreensível) mas eu nunca medo. Nem Maria de Fábrica é assim, Maria (trecho incompreensível) e fala baxinho sem parar, e quando ia que amanhecia e começava a falar de coisar demais a mãe entrava e acertava ele. Eu nunca tinha ido graças a Deus, não sai pra (trecho incompreensível) aqui mora todos os meus filho (trecho incompreensível) uns é parente, mas eu num tenho medo não. Não ando pra casa de ninguém. Às vez o Tito chega aí ô mãe vamo aí, eu num sou de ir pra gandaia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível).

LAURITA FELIX: Foba (trecho incompreensível)?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É pode ser.

JULIANA: Dona Laurita nesse tempo que tinha polícia aqui teve estranho que pediu para fazer as fogueiras, fazer os cantos, as danças?

LAURITA FELIX: Na época, a gente pôs a fogueira, mas hoje em dia com esses novos dança, né, (trecho incompreensível).

JULIANA: Dança ainda?

LAURITA FELIX: Eles tinha a religião. A religião deles não é pra...

JULIANA: Uhum.

LAURITA FELIX: Dança, esses novo dança qualquer uma.

JULIANA: Ah, mas não é só eles, dança todo mundo junto?

LAURITA FELIX: Não, nem pensar. (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a língua podia falar aqui dentro na época do presídio, podia falar?

LAURITA FELIX: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não?

LAURITA FELIX: Não. Não podia falar não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E porquê?

LAURITA FELIX: Uai, ele achava que a gente tava falando mau, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah é?

LAURITA FELIX: Todo mundo diz que num sabe a língua. Eu na época de desde pequena num conseguia. (trecho incompreensível). São Paulo que tem, algum tem, algum tem também. Na marca deles.

JULIANA: (Trecho incompreensível). A senhora falou pra gente que pouquinho que tem Guarani, mas lá tinha presidio também, quem que ficou preso lá, a senhora lembra?

LAURITA FELIX: Tinha muita (trecho incompreensível).

JULIANA: A senhora chegou a ver os pataxós chegando lá?

LAURITA FELIX: Cheguei, veio preso, né, de lá. O primeiro pataxó veio preso.

JULIANA: Aqui ou lá no Guarani?

LAURITA FELIX: Lá Guarani, veio o Bastião e o Divino e outro que chama Trisco.

JULIANA: Trisco?

LAURITA FELIX: Acho que Trisco, um nome assim. Era três que veio preso. Vocês vai aonde?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós vamo lá na Maria Sônia.

LAURITA FELIX: Ah, vai lá conversar com ela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E também a senhora acha interessante nós irmos na dona Eva também, né?

LAURITA FELIX: Mas, ela num tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É por isso que eu não estava querendo, e o Manelão se a gente for falar nós vamos ter que colocar um tapa ouvido, porque ele fala de uma maneira que parece que vai explodir. Mas, sabe onde nós vamos agora? Vamos lá no pau da barca, lá com o Zezão que é uma pessoa interessante e nós vamos ver o restante das urnas que tem lá, do restante da... A senhora não acha melhor?

LAURITA FELIX: Aonde?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá onde a senhora morou, onde tem o presídio já acabado, pra eles verem lá o restinho. O Zezão achou... Eu tô doido pra pegar aquele panelão que ele achou e ele num quer me dar não. Eu vou lá, e vou catar aquilo.

JULIANA: Tem alguma coisa que a senhora tem alguma coisa que a senhora conversou e que a senhora achou importante dizer?

LAURITA FELIX: Tem não.

JULIANA: A gente tem muito a agradecer de a senhora dividir a sabedoria da senhora com a gente. A gente quer agradecer muito, e voltar aqui mais vezes com a senhora muito obrigada, foi muito importante o que a senhora (trecho incompreensível) e a gente agradece muito.

LAURITA FELIX: Vocês vai lá na Maria Sônia? É bom que vai visitar ela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Maria Julia. É bom ir na Maria Julia?

LAURITA FELIX: Eu não sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela é meio soltinha, né?

LAURITA FELIX: É.

JULIANA: A senhora autoriza que a gente use essa conversa pra poder escrever um relatório, pra poder falar das violências que aconteceram com o povo Krenak? A gente perguntou isso pra todo mundo, com quem a gente conversou.

LAURITA FELIX: Pode escrever.

JULIANA: Pode? Obrigada viu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado viu Dona Laurita.

LAURITA FELIX: Obrigado.